



CENÁRIOS DE VIOLÊNCIA: ESTEREÓTIPOS NA COBERTURA JORNALÍSTICA DO AMAZÔNIA JORNAL EM ÁREAS PERIFÉRICAS BELENENSES¹

Ana Shirley Penaforte CARDOSO²
Faculdades Ipiranga / FAPEN/FAPAN

RESUMO: Este artigo pretende identificar e analisar sob a ótica da análise do discurso as relações de poder, a construção de identidades e os fios de memória a que a violência, através das imagens fotográficas, bem como dos textos ali publicados, constitui-se em mercadoria, no Amazônia jornal, periódico impresso, que circula, diariamente, na região metropolitana de Belém-Pará. O objeto de análise serão duas capas do jornal, publicadas em 31 de março de 2008 e 21 de setembro de 2013. Quais os desdobramentos destas matérias no cotidiano dos leitores? Como os textos e as imagens utilizadas no Amazônia Jornal podem contribuir para construção de identidades e de uma realidade social da cidade e quais as razões que motivam a divulgação e o consumo de leituras dessa natureza na região amazônica, no século XXI?

Palavras-chave: Discurso; poder, jornal popular; Amazônia.

Apresentação

*Somos aquilo que vemos e ouvimos, assim como
somos aquilo que comemos,
por isso, é importante imprimir nos indivíduos a
necessidade de evitar a comida
ruim da cultura da mídia e escolher produtos mais
sadios e nutritivos.
Douglas Kellner*

Historicamente, o jornalismo acompanha os processos de desenvolvimento humano, seja no aspecto tecnológico, científico ou sociológico e este processo se desenvolveu, em grande medida, sob o ponto de vista de quem detém o domínio dos meios de produção para a geração e distribuição da informação. Ele nasce junto às esferas burguesas da sociedade ocidental e está marcado por relações de poder, que se apresenta através da determinação de conceitos e crenças tomadas como “verdades”.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 1 a 3 de maio de 2014.

² Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura – UNAMA. Professora das Faculdades Integradas Ipiranga. Faculdade Pan Amazônica (FAPAN) e Faculdade Paraense de Ensino (FAPEN).



Até o momento atual, no Brasil, as grandes redes de comunicação ficaram limitadas a um número restrito de empresas privadas e interesses pessoais ou comerciais. As redes sociais da internet, no entanto, ainda que de forma operacional e de maneira transversal, ampliou as possibilidades de democratização da informação e vislumbra novos caminhos para a geração de notícia que tem contribuído para a pluralização da verdade.

Este trabalho se ocupará mais especificamente em tecer reflexões sobre a fotografia como elemento de informação jornalística, partindo da premissa que o fotojornalismo é uma importante estratégia para construir uma sensação de “verdade” colocada em circulação pelos jornais.

No primeiro momento, o trabalho destacará alguns pontos da história da imprensa, a fim de pontuar como se deu a construção dos discursos sobre a fotografia jornalística como “verdade”. Com o auxílio da análise do discurso de linha francesa (AD) o trabalho pretende discutir sobre essas representações imagéticas, que são ligadas a fios de memória e à história descontínua, segundo os estudos do filósofo Michel Foucault, que permite pensar em modos de circulação que visibilizam ou apagam determinadas cenas de violência através da fotografia jornalística. As discussões da análise do discurso e os escritos de Foucault ajudam entender que as “verdades” são moventes e variam de acordo com o lugar de fala em momentos diferentes da história.

Análise do discurso de vertente francesa fornece ferramentas e propõe reflexões sobre várias materialidades e seus efeitos de sentido num dado momento da história. A professora Rosário Gregolin, uma das mais conceituadas pesquisadoras dessa corrente de pensamento define AD como:

A análise do discurso (AD) é um campo de estudo que oferece ferramentas conceituais para a análise desses acontecimentos discursivos, na medida em que toma como objeto de estudos a produção de efeitos de sentido, realizada por sujeitos sociais, que usam a materialidade da linguagem e estão inseridos na história. Por isso, os campos da AD e dos estudos da mídia podem estabelecer um diálogo extremamente rico, a fim de entender o papel dos discursos na produção das identidades sociais. (GREGOLIN, 2007, p. 13).

Para melhor fundamentar a ideia de discurso e as relações de poder que envolvem a produção de um jornal impresso com veiculação diária, Michel Foucault (2000, p. 8-9) esclarece:



Suponho que em toda sociedade, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigo, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada materialidade.

Por meio da velocidade e alcance de informação, a mídia seleciona e controla discursos, apaga e evidencia enunciados. Esses discursos constroem, mas também desconstroem identidades, que não são fixas, uma vez que se modificam ao longo da história. Eles também pautam as conversas cotidianas e dialogam com os interesses de seus leitores, pois reforçam discursos que também estão presentes nas escolas, nas igrejas, em todos os espaços sociais.

Um ponto de partida

A efervescência tecnológica, a mídia como elemento comercial e a tentativa de globalização da informação foram fatores que deram impulso à imprensa, já nos primeiros anos do período industrial, ainda no século XIX. O impresso crescia com a ideia de aproximar mundos e com a missão de transmitir informação, bem antes do aparecimento da televisão ou da internet. O aprimoramento das tipografias e o uso de imagens nos jornais mudaram a forma de comunicar. As inovações na tecnologia atravessaram séculos e os meios de comunicação, cada vez mais sofisticados, utilizam-se, na contemporaneidade, dos mais variados suportes e estratégias para fazer chegar a notícia ao cidadão e assim, através de seus discursos, delimitar o lugar de onde se fala.

No início do século XX, as ferramentas fotográficas (câmeras, lentes e filmes) se aperfeiçoaram, em especial, a redução de tamanho do equipamento, isso foi significativo para facilitar o deslocamento de fotógrafos, em busca de imagens. A fotografia passou a ser usada com mais frequência nos impressos jornalísticos, até se tornar parte integrante de praticamente todas as reportagens divulgadas pelos veículos de comunicação.

A característica atribuída à fotografia como algo que descrevia a “realidade com exatidão” um dos primeiros motivos para justificar seu uso, cada vez mais intenso, nas reportagens. A imagem “confirmava” o que havia sido relatado textualmente. Os textos e as fotografias deveriam complementar-se, reforçarem-se para, juntos, reafirmarem a “verdade”, sob um fato jornalístico. Este discurso ainda é utilizado nos jornais do mundo inteiro, embora existam, há bastante tempo, discussões teóricas, em vários



campos do conhecimento, que se interroguem sobre o “real e o irreal”, o “visível e o invisível”, numa imagem fotográfica³. A fotografia de jornal ainda é usada, em muitos casos, não apenas como prova da presença do veículo no local da notícia, mas como testemunha do que seria a “realidade” do fato divulgado.

O jornalismo moderno caracteriza-se pelo nascimento do periódico ilustrado fotográfico, um novo híbrido, cuja particularidade é ser lido e olhado ao mesmo tempo: a informação não é mais somente uma questão de texto, mas, também de fotografia. O novo estilo jornalístico é, assim, seguido por uma transformação das relações entre texto e imagem, entre o legível e o visível. (ROUILLE, 2009, p. 128).

A publicação de texto e imagem, numa cobertura jornalística, passa a trazer uma noção de credibilidade e de “realidade” para o leitor. A ideia incontestável de “verdade”, gradativamente, foi se ampliando e se solidificando e se tornou um dos maiores fatores de propulsão para o crescimento da indústria comunicacional. Seu uso na cobertura de guerras, a I Guerra, em especial, trouxe para mídia imagens sangrentas e chocantes e a violência passou a ser retratada cotidianamente pela mídia. O fotojornalismo fortalece-se vinculado a uma noção de realidade e ajuda a construir memória visual, vinculada a uma noção de “prova irrefutável da realidade”.

O uso da fotografia em reportagens passou a concebê-la como um reflexo da “realidade”, um documento. No livro “O ato fotográfico”, Felipe Dubois (1993) afirma ser a fotografia um elemento da verdade: “A foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra” (DUBOIS, 1993, p. 25).

O uso de imagens fotográficas em reportagens pode fortalecer, dizer algo diferente ou além do escrito, mas não legitima a informação como “verdade”. Até porque a fotografia também é uma materialidade discursiva e muda de sentido de acordo com os sujeitos que a produzem. Em relação ao aspecto técnico da imagem as manipulações são bastante frequentes desde os primeiros Daguerreótipos⁴. Alterações na fotografia podem acontecer no instante de sua elaboração até sua finalização. Programas como *Adobe Photoshop* e outros são bastante utilizados para essa função, porém mesmo que tenham sofrido modificações, tais imagens, são enunciados e produzem efeitos de sentido.

³ BARTHES, Roland. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Lisboa, Portugal: 70, 2009.

⁴ Foi o primeiro processo fotográfico a cair em domínio público. Trata-se de uma imagem única e positiva diretamente formada em uma placa de cobre. Foi bastante popular na década de 1840.



Para Michel Foucault (2000), existem verdades que se modificam de acordo com a vontade de verdade de certas condições de possibilidades históricas. Essa vontade de verdade está diretamente associada ao desejo que pode se tornar mais evidente no processo de convencimento. Há uma vontade de verdade do jornal ao expor fotografias sobre bairros localizados fora da região central de Belém, que deixem ver cenas explícitas de violência, numa tentativa de reforçar que nesses lugares há iminência de atos violentos. Esses enunciados podem mobilizar uma memória vinculada às épocas dos sistemas de exclusão, estudados por Foucault como, por exemplo, “A sanitização das cidades”. No caso das matérias publicadas pelo Amazônia Jornal, os mais pobres estariam do lado de fora da região central, no lado violento.

Seguindo esta linha de raciocínio, é possível pensar que a fotografia jornalística está imbricada com a ideia de vontade de verdade que embala os noticiários e que encontra acolhida no público leitor, que consome o produto. A disponibilidade de imagens sobre determinado assunto, para Rosário Gregolin (2007, p. 05-06):

A sofisticação técnica produz uma verdadeira saturação identitária através da circulação incessante de imagens que têm o objetivo de generalizar os modelos. A profusão dessas imagens age como um dispositivo de etiquetagem e de disciplinamento do corpo social. Os discursos veiculados pela mídia, baseados em técnicas com a confissão (reportagens, entrevistas, depoimentos, cartas, relatórios, descrições pedagógicas, pesquisas de mercado) operam um jogo no qual se constituem identidades a partir da regulamentação de saberes sobre o uso que as pessoas devem fazer de seu corpo, de sua alma, de sua vida.

As fotografias são constituídas de discursos e produzem sentidos que circulam em uma determinada sociedade, numa determinada época. Demarcam o lugar e o olhar de quem as produziu. Quando exibidas, ganharão uma ou mais formas de interpretações, a partir dos efeitos de sentido que provocam sobre quem as observa. Por que surgiram determinadas imagens e não outras? Por que determinados enunciados visuais foram esquecidos e outros ganharam notoriedade?

É possível dizer ainda que os dispositivos técnicos utilizados para a geração de uma imagem fotográfica também são geradores de sentido e as imagens fotográficas estão inseridas numa ordem discursiva, atrelada à história. Determinadas imagens não seriam possíveis de serem geradas ou até mesmo pensadas, em função das limitações tecnológicas do momento histórico, como por exemplo, a fotografia colorida, que só veio a ser usada efetivamente no início dos anos 1900.



O jornalismo desempenha um papel relevante e impõe filtros de mediação junto à sociedade, apresenta-se como formador de opinião. Interfere na construção de identidades e memórias de seus leitores, mas há entre a imprensa e os consumidores um processo de comunicação dinâmico, em que as duas partes dividem uma memória comum, no entanto os sujeitos não se mantem presos em um único modelo de pensamento e a comunicação acontece de forma dialógica e bastante tensionada, porque os sujeitos não são homogêneos e as resistências se manifestam nas brechas das superestruturas montadas pelas ideias capitalistas.

A comunicação se tornou para nós questão de mediações mais do que meios, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimentos, mas de reconhecimento. Um reconhecimento que foi, de início, operação de deslocamento metodológico para rever o processo inteiro da comunicação a partir de seu outro lado, o da recepção, o das resistências que aí têm seu lugar, o da apropriação a partir de seus usos. Porém num segundo momento, tal reconhecimento está se transformando, justamente para que aquele deslocamento não fique em mera reação ou passageira mudança teórica, em reconhecimento da história: reapropriação histórica do tempo da modernidade latino-americana e seu descompasso encontrando uma brecha no embuste lógico com que a homogeneização capitalista parece esgotar a realidade do atual. (MARTIN-BARBERO, 2009, p. 28).

A partir do pensamento de Martin-Barbero (2009), pode-se dizer que a fotografia vista no campo da comunicação, como um filtro mediador, também pode ser um enunciado de denúncias e protestos.

(Des)continuidades

Ao tomar o discurso e a produção de sentido entre os sujeitos históricos como principal objeto de análise da AD, o *Amazônia* jornal é um potente material empírico para uma reflexão teórica sobre notícias relacionadas à violência. Os discursos postos em circulação por este jornal, diariamente, se afirmam principalmente a partir de textos considerados simples e do uso apelativo da linguagem imagética. O trabalho aqui apresentado terá como objeto de análise duas capas do *Amazônia* jornal, com ênfase às fotografias. As capas publicadas em 31 de março de 2008 e 21 de setembro de 2013, selecionadas para fins de estudo neste artigo.

Pretende-se analisar alguns dos impactos no cotidiano dos leitores a partir das fotografias publicadas em 2008 e em 2013 e mostrar como os discursos postos em circulação, através das imagens utilizadas no *Amazônia* Jornal, podem contribuir para construção de identidades e de uma realidade social da cidade e contribui para contar



uma história do presente. Preocupa-se também aqui em investigar algumas das razões que motivam a divulgação, bem como o consumo de leituras dessa natureza na região amazônica, no século XXI.

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana (...). Ajuda a modelar a visão prevalescente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom e mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. As narrativas e as imagens veiculadas pela mídia, fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a construir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje. A cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas produzindo uma nova forma de cultura global. (KELLNER, 2001, p. 9).

Entende-se que a capacidade de penetração na mídia na maioria das casas brasileiras, pode interferir nos modos de vida cotidiana como afirma Kellner e até mesmo motivar comportamentos de certa maneira globais, porém os sujeitos darão rumos diferenciados para esses ditos, porque é no cotidiano e na desordem que acontecem as resistências.

Para melhor visualizar os discursos disponibilizados pelo Amazônia jornal, sobre violência é preciso enumerar, antes, alguns dos principais discursos disponibilizados pelo veículo, para assim relacionar às redes de memória que se interligam aos lugares que apontam às construções de identidades. A erotização, marcada pela exibição de corpos seminus, em geral, o feminino; o esporte, mais especificamente o futebol; a violência, destacada pela exposição, nas ruas, de corpos humanos dilacerados, são assuntos bastante explorados nesse periódico, que sob o aspecto do mercado é classificado como um jornal popular. Para Amaral o conceito de jornal popular:

Por terem de aproximar-se de uma camada de público com baixo poder aquisitivo e pouco hábito de leitura, os jornais, muitas vezes, transformam-se em mercadoria em todos os sentidos. Com frequência deixam o bom jornalismo de lado para simplesmente agradarem ao leitor, em vez de buscarem novos padrões de jornalismo que reforcem os compromissos sociais com a população de renda mais baixa. (AMARAL, 2006, p. 30).

A partir de 1997⁵ houve uma expansão no Brasil de jornais voltados ao consumidor de menor poder aquisitivo, cujo objetivo principal, do ponto de vista

⁵ OLIVEIRA, Márcia Regina A. R. **Jornal Popular X Jornal Tradicional: Análise léxico-gramatical da notícia a partir da Linguística de Corpus**. Um estudo de casos dos jornais cariocas “O Globo” e o



mercadológico, era expandir o lucro e aumentar o número de consumidores. Percebe-se o interesse, por parte dos empresários da comunicação, em ampliar seus negócios e que a notícia é tratada, por sua maioria, como um produto.

Esses veículos são postos em circulação, muitas vezes, marcados por uma linguagem fora dos padrões da norma culta, com ênfase ao apelo às imagens de cenas grotescas de violência. Esses elementos permitem pensar que por ser um produto voltado para o público de menor renda não há interesse por parte das editorias em retratar ou colocar em discussão temas relacionados aos problemas e necessidades de seu público, como saúde, mercado de trabalho, transporte e educação. O enfoque da informação é, quase sempre, voltado para a violência como espetáculo. O Amazônia Jornal surge em 2000 diante desta ordem estabelecida.

Sobre o Amazônia Jornal

O Amazônia Jornal faz parte do maior grupo de comunicação do Norte do país: as organizações Romulo Maiorana (ORM). O grupo atua, em quase todos os seguimentos da área de comunicação. O Liberal é o mais antigo veículo do grupo, fundado em 15 de Novembro de 1946. É também o mais antigo jornal impresso, em funcionamento na região. Em 1966 passou a pertencer ao jornalista e empresário Romulo Maiorana. Fazem parte do grupo ORM a rádio Liberal AM e FM, portal ORM, a versão digital de O Liberal¹ e a TV Liberal¹, que é filiada à Rede Globo de comunicação. A maior emissora comercial de televisão de canal aberto do país

O aparecimento do Amazônia jornal segue uma tendência nacional do período. Momento de implantação de produtos comunicacionais no mercado, com intuito de produzir notícias mais específicas sobre suas regiões de origem e de circulação, no entanto a maioria das informações veiculadas nestas organizações está atravessada por questões de poder, ligadas a ideia do convencimento e credibilidade. A maioria desses produtos de notícia surgiu a partir de grandes corporações solidificadas na área da comunicação de Grupos como o jornal O Globo, por exemplo.

O primeiro exemplar do Amazônia Jornal circulou em Belém no dia 10 Abril de 2000 e apresentou-se à sociedade belenense com textos sucintos e uso de termos pejorativos, principalmente nas manchetes e legendas, cujo principal objetivo era atrair

¹“O Dia” in Veredas on-line – linguística de corpus e computacional – 2/2009, P. 07-19 – PPG linguística/UFJF – Juiz de Fora.

a atenção do consumidor, bem como alcançar vendas junto a leitores dos seguimentos C e D. Os preços baixos e seu aspecto multicolorido configuraram-se como estratégias editorial e mercadológica para conquista de consumidores e anunciantes. Essas características são mantidas pela editoria do jornal.

Figura 01



31 de março de 2008

A manchete publicada na capa do jornal de 31 de março de 2008, figura 01, dá luz à ideia de como os enunciados que se referem à violência são abordados no Amazônia Jornal. “Banho de sangue na capital: 8 mortos”⁶. Os recursos da diagramação e da linguística reforçam uma ideia de terror e que a cidade está envolta a uma guerra. O tamanho da fonte utilizada neste enunciado é significativo para reforçar essa ideia de barbárie. As palavras sangue e mortos explicitam a violência. A quantidade de vítimas representada pelo número 8 enfatiza e quantifica a morte.

A manchete desta página e a imagem do homem sobre o papelão remetem às sessões de suplício, punições sofridas por criminosos. Em outras circunstâncias, na Idade Média, no continente europeu, os corpos supliciados aos olhos públicos foram minunciosamente analisadas por Michel Foucault:

O corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o

⁶ Primeira página, do Amazônia Jornal, publicada em 01 de Abril de 2008.

corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia; pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais. (FOUCAULT, 1987, p. 29).

Os corpos supliciados eram expostos em praças públicas e havia consentimento por parte do Estado e da sociedade. Havia uma ordem para a punição, que era institucionalizada. A exposição de corpos mortos na imprensa como o Amazônia jornal, entra em outra ordem, que é de certa forma também institucionalizada, pelo descaso aos direitos humanos por parte da editoria do veículo, pela omissão do Estado no sentido da ausência de políticas públicas, que levem em conta a educação, a saúde e a moradia e também pela sociedade pelo interesse em consumir produtos desse tipo. O enunciado formado por texto e imagem nesta página do Amazônia jornal e nos demais exemplares deste veículo, também expõe corpos vitimizados pela violência. Transformam-se estes acontecimentos em matéria-produto, que são consumidos diariamente.

As cores vistas em conjunto nas capas do jornal, num primeiro momento, podem remeter a uma ideia de jovialidade, de bem estar e de modernidade, no entanto as fotografias e as manchetes formam uma contradição e remetem a uma memória de guerras, bem presentes no início do fotojornalismo.

As informações visuais disponibilizadas no veículo comunicacional constroem identidades sobre a região amazônica caracterizando-a como um lugar de mortes e de violência. A imagem, apresentada no lado superior direito da página deixa ver o copo de uma vítima da violência urbana sobre caixas de papelão, como se o fosse um extrato rejeitado da civilização. A fotografia abaixo mostra a imagem de uma cobra encontrada em um bairro de periferia, cercada por curiosos, o que pode sugerir um momento de entretenimento. A imagem da mulher de roupas íntimas à esquerda da página completa a definição da cidade para o veículo aqui citado e deixa ver as identidades e os efeitos de sentidos que uma página de jornal pode sugerir.



Os espetáculos da mídia demonstram quem tem poder e quem não tem, quem pode exercer força e violência e quem não. Dramatizam e legitimam o poder das forças vigentes e mostram aos não-poderosos que, se não se conformarem estarão expostos ao risco de prisão ou morte. Para quem viveu imerso, do nascimento à morte, numa sociedade de mídia e consumo, é, pois, importante, aprender como entender, interpretar e criticar seus significados e suas mensagens. (KELLNER, 2001, p. 10).

A abordagem simples e direta dos textos é um dos principais fatores que “diferencia” o Amazônia Jornal e o O Liberal, que são do mesmo grupo, como foi dito anteriormente. O público alvo dos dois jornais também é diferenciado e evidencia diferenças sociais entre uma elite e o público das camadas menos privilegiadas. Mas o fato é que os dois jornais criam e reafirmam conceitos preconceituosos sobre o cotidiano belenense. Fotografias com cenas explícitas de violência circulam de diferentes formas nesses veículos e se inscrevem em uma memória discursiva sobre estes dois jornais. Para Courtine (1981, p. 72):

Toda produção discursiva se efetua em determinadas condições conjunturais de produção e remete, põe em movimento e faz circular formulações anteriormente já enunciadas, como um efeito de memória na atualidade de um acontecimento.

Analisando as imagens que aparecem nestas capas do Amazônia Jornal, é possível observar como seus enunciados retomam informações anteriormente ditas.

Circulações de sentidos

Numa cultura da imagem dos meios de comunicação de massa, são as representações que ajudam a constituir a visão de mundo do indivíduo, o senso de identidade e sexo, consumando estilos e modos de vida, bem como pensamentos e ações sociopolíticas. A ideologia é, pois, tanto um processo de representação, figuração, imagem e retórica quanto um processo de discursos e idéias.
Douglas Kellner

A próxima capa a ser analisada também é um exemplo de materialidade que reforça memórias de violência sobre a população de baixa renda na cidade de Belém: e também (des)constrói estereótipos sobre a mulher.

Figura 02



21 de setembro de 2013

A manchete publicada na capa do jornal de 21 de setembro de 2013, figura 02, “Novo cerco ao bicho” remete à ideia de caça a um animal e as fotografias abaixo reforçam esse efeito de sentido dado pelo texto. Ao se observar o texto subsequente à manchete, percebe-se que ela está relacionada à apreensão de bancas do jogo do bicho, mas a imagem central da página expõe uma cena onde um homem está morto sobre o asfalto e dois policiais, caracterizados pelo uniforme e pelo automóvel no fundo da cena, o observam.

Uma luz alaranjada preenche o quadro da foto, com destaque para a claridade próxima ao corpo, que traz dramaticidade à cena e remete a uma ideia de espetáculo teatral. A pose da modelo exprime sensualidade, reforçada pelo fato de estar com roupa íntima, na fotografia em primeiro plano. Vários assuntos se misturam e se confundem, causam efeitos de sentidos outros que divergem da ideia de jornalismo.

O sensacionalismo reuniu nesta capa do jornal ingredientes para atrair a atenção de leitores que supostamente estariam interessados neste tipo de abordagem jornalística. Imagens apelativas e revitimizadoras, como esta que constroem identidades e reafirmam estereótipos sobre de periferia e evidencia um discurso do espetáculo, numa sociedade contemporânea. Legitima e confirma uma sociedade de classes e de exclusão.



Para Guy Debord (2008). “O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte dessa sociedade e como um instrumento de unificação”. Esta é uma prática que aparece explícita junto com a fotografia do adolescente assassinado, nas páginas do jornal. Os discursos colocados em circulação, nestas condições, silenciam, interditam e desviam o olhar de discussões sobre, a ausência de políticas governamentais, como melhorias na educação, saúde, habitação para as pessoas que vivem nos subúrbios da cidade de Belém. São discursos veiculados e legitimados por empresas cujo objetivo é, quase sempre, o lucro.

Considerações Finais

Uma linguagem coloquial, imagens sensacionalistas em destaque, distribuídos em páginas coloridas são algumas das estratégias do Amazônia Jornal para por em circulação as ideias e direcionamentos de sua editoria. Elas deixam ver uma violência de certa forma, recriada em imagens e palavras e possibilita observar que a violência pode ser aumentada, gerada ou produzida. A partir deste argumento é possível perceber, então, que a violência trabalhada no Amazônia Jornal se constitui como um dos pilares do seu discurso para se manter à frente na competição mercadológica, mas que mantém um diálogo com a memória do leitor, porque divulga o que é concebido como “a limpeza da sociedade” (NJAINÉ ET ALLI. 1997, p. 412). Porém os fatos relativos à morte permanecem ignorados, especialmente, quando se referem a excluídos sociais, econômicos e políticos. Argumentos que marcam o lugar de fala de um veículo comunicacional com características delimitadas.

As coberturas jornalísticas, muitas vezes, apresadas e embasadas em documentos disponibilizados pela polícia, como o boletim de ocorrência (BO), deixam as matérias incompletas e vistas de um só lugar e visibilizam uma voz oficial. Atitudes como essa podem influenciar na produção final da matéria e contribuir para construções de estereótipos na imprensa.

Não se pode afirmar que o aumento da violência está atrelado a veiculação de matérias com enfoque na violência, mas os jornais, por serem de grande circulação, podem ser responsáveis, ainda que em parte, pela reativação da memória coletiva de uma cidade, através dos discursos postos em circulação, principalmente, por meio de textos e imagens.



Referências:

- AMARAL, M. F. **Jornalismo popular**, São Paulo: Contexto, 2006.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Lisboa, Portugal: 70, 2009.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 6ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2006.
- COURTINE, J.-J. **Quelques problèmes théoriques et méthodologiques em analyse Du discours à propôs Du discours communiste adressé aux chrétiens**, *Langages*, no. 62. Paris: Larousse, jun. 1981.
- DEBOIS, Philippe. **O ato fotográfico** e outros ensaios, Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- DEBORD, Guy. **La sociedad del espetáculo**, Buenos Aires. 2ª edição: La marca editora, 2008.
- FOUCAUT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- _____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Identidade: objeto ainda não identificado?** Estudos da linguagem. Vitória da Conquista: UESB, 2007.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e políticaentre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- NJAINE, Kathie. et alli. **Informação sobre violência**. cad saúde pub. Rio de Janeiro. 13(3) 405-414. julho-setembro 1997.
- OLIVEIRA, Márcia Regina A. R. **Jornal Popular X Jornal Tradicional: Análise léxico-gramatical da notícia a partir da Linguística de Corpus**. Um estudo de casos dos jornais cariocas “O Globo” e o “O Dia” in Veredas on-line – linguística de corpus e computacional – 2/2009, P. 07-19 – PPG linguística/UFJF – Juiz de Fora.
- RONDELLI, Elisabeth. **Dez observações sobre mídia e violência**. Comunicação & Educação. São Paulo: CCA-ECA-USP Moderna. n. 7, set./dez 1996. 34-37.
- ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: SENAC, 2009.
- SILVA, Ramos e Anabela Paiva. **Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro. IUPERI, 2007.
- SODRÉ, Muniz. **Sociedade, Mídia e violência urbana**. 2ª edição. Porto Alegre, RS: Sulina/ EDIPUCRS, 2006.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- www.olibraldigital.com.br

